

# Análise do Discurso e Psicanálise:

## Díálogos possíveis

---

p. 39 - 47

Kátia Alessandra dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho pretende discutir as noções de língua e sujeito, tal como são vistas pela Análise do Discurso francesa (AD) em sua intersecção com a Psicanálise. Para isso foi feita uma retrospectiva do modo como foram vistos esses conceitos em alguns momentos da história da linguística e da AD. As conclusões a que chegamos levam à consideração de condições históricas, sociais e ideológicas na construção dos conceitos mencionados, também é possível apontar para os próximos deslizamentos conceituais no período contemporâneo.

**Palavras-chave:** língua. Sujeito. Análise do Discurso. Psicanálise.

### Discourse Analysis and psychoanalysis: dialogue possible

### Abstract

This paper intends to discuss the language and subject conceptions, as they are seen by the French Discourse Analysis (DA) at its intersection with Psychoanalysis. For this a retrospective of how these concepts were seen in some moments in the history of Linguistics and AD was performed. The reached conclusions lead to the consideration of historical, social and ideological conditions in the construction of the mentioned concepts, it is also possible to point out to the next conceptual slippage in the contemporary period.

**Keywords:** Language. Subject. Discourse Analysis. Psychoanalysis.

---

### Considerações iniciais

A língua nos falta. A língua nos constitui enquanto sujeitos. Partindo dessas afirmações aparentemente paradoxais, pretendemos neste artigo discutir as noções de língua e sujeito, tal como são vistas pela Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) em sua intersecção com a Psicanálise. Para isso faremos uma retrospectiva do modo como foram vistos esses conceitos em alguns momentos da história da Linguística,

passando pelas contribuições da Psicanálise, que se colocaram de maneira proeminente, sobretudo na chamada terceira fase da AD.

Consideramos que toda produção discursiva só se dá na relação com a sua exterioridade. Assim, é preciso considerar que, sendo a Linguística uma disciplina não isolada, mas imersa em um campo epistemológico, ela reflete uma conjuntura social, histórica e ideológica.

Um aspecto que deve ser relevado é o fato de que a Linguística “[...] comporta intrinsecamente

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: kalexsandra@yahoo.com.br

uma prática teórica que toma a língua como objeto próprio” (PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 20), o que vem sendo chamado de real da língua. E é justamente o cerceamento desse real que vem sendo perseguido por todas as teorias linguísticas até hoje. São essas tentativas de cerceamento que procuraremos demonstrar a seguir.

## Língua e sujeito em Saussure e Chomsky

Desde o advento da Linguística como disciplina científica com Saussure, o campo da língua (gem) vem se colocando (e se alterando) a partir de várias dicotomias e as áreas de estudo vêm se delimitando pela escolha de uma ou outra dessas dicotomias. A dicotomia mais famosa é a que separa língua de fala e que, ao mesmo tempo, institui a língua (enquanto sistema) como objeto da Linguística.

Acreditamos que a exclusão saussureana é válida no sentido de que dá margem para as futuras ciências da linguagem que irão “[...] explorar largamente os domínios de uma linguística da fala (estilística, pragmática, análise do discurso, etc.) (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 69). Isso significa, segundo afirmou Authier-Revuz (1998), ir de um nível de análise que se pode dizer homogêneo - a língua - ao nível de análise da fala ou do discurso, que não considera apenas a língua como sistema, mas a vê na sua relação com o mundo e com os sujeitos. É o que veremos a seguir quando trazemos, sumariamente, alguns nomes essenciais das chamadas linguísticas enunciativas e depois o posicionamento da AD francesa. Antes, porém, é interessante situar os posicionamentos dos dois grandes nomes na história da linguística: Saussure e Chomsky.

Saussure é considerado o pai da Linguística e uma das figuras mais enigmáticas da área. Pêcheux e Gadet (2004) falam da existência de dois Saussures: o do Curso de Linguística Geral

(CLG) e o dos Anagramas. Com o CLG inaugura-se a linguística do sistema, justamente quando se define o objeto do campo como a língua enquanto um sistema abstrato. “A definição saussuriana de língua afasta tudo o que for estranho a seu organismo, a seu sistema, eliminando, assim, todas as causas e determinações exteriores que podem afetá-la.” (FERREIRA, 1999, p. 126). Nos anagramas, porém, teria voz o indizível da língua, materializado na poesia, entretanto tal aspecto é desconsiderado toda vez que se fala em Saussure, sintoma materializado na história da linguística.

A noção de língua como sistema fechado e pertencente ao nível social conduz a um aspecto interessante em relação à concepção de sujeito. “Ao encarar a língua como sistema, Saussure produz um efeito de desconstrução do sujeito psicológico, livre e consciente que reinava na reflexão das ciências humanas nascentes, ao fim do século XIX. Com isto ganha destaque a tese de que o homem não é senhor da língua, muito cara à AD” (FERREIRA, 1999, p. 127).

Um aspecto hoje relevado em Saussure (Pêcheux, Gadet, 2004; Normand, 2009) é a noção de valor, que ligaria os dois Saussures, uma vez que traz a ideia de que a língua se constitui de um sistema de oposições e, nesse sentido, a constituição dá-se pelo dito e pelo não-dito, efeito do que Lacan chamaria de *lalíngua* (*apud* MILNER, 1987). Tal aspecto ficou encoberto e não apareceu como efeito direto dos dizeres de Saussure, talvez porque foram relevados outros aspectos da sua teoria, tais como a noção de arbitrariedade do signo e as dicotomias.

Posteriormente, temos Chomsky, considerado um formalista por excelência, uma vez que seus trabalhos apontam para uma língua ideal e elegem um componente fundamental: a sintaxe. O falante seria dotado de uma competência linguística, a partir da qual seria capaz de julgar sentenças como gramaticais ou

agramaticais. Desse modo, Chomsky coloca o sujeito como possuidor de uma competência linguística, contudo o sistema é autônomo, uma estrutura imutável e inacessível para o sujeito.

Segundo Leandro Ferreira (1999), Chomsky traz para a Linguística uma concepção de língua muito próxima do que Pêcheux faz em sua *Análise Automática do Discurso*, ou seja, toma a língua como uma estrutura fechada, a partir da qual o falante pode julgar a gramaticalidade das sentenças. A contribuição dessa visão para a compreensão de língua trazida por Pêcheux está situada justamente na possibilidade de o impossível surgir: “[...] a existência do impossível, do proibido, do não-gramatical está inscrita na ordem própria da língua.” (FERREIRA, 1999, p. 129). Eis a grande contribuição, a nosso ver, contribuição essa que não aparece em geral, quando se fala em Chomsky.

## Língua e sujeito nas teorias enunciativas

Dentro do que se agrupa sob o rótulo estudos enunciativos temos várias correntes e perspectivas de estudo, atuando em vários campos das exclusões saussureanas: sujeito, história, aspecto social e fala. Traremos para esta discussão, brevemente, as contribuições de dois nomes: Benveniste e Bakhtin.

Benveniste é tido como o marco inaugural da Linguística da Enunciação. Sua linguística ainda é estruturalista, mas difere por considerar o sujeito, embora apenas na sua relação de apropriação do aparelho formal da enunciação (1991). A consideração do sujeito é um ponto de avanço bastante significativo em relação à linguística imanente. Contudo, esse também é o ponto nodal da crítica que se faz à Benveniste por dar um valor excessivo ao sujeito, vendo-o como unívoco e dono do que diz, sujeito ego-cêntrico, nas palavras de Brandão (*apud* BRAIT,

2001, p. 61). No que se refere à língua, o autor a define como uma estrutura formal, dividida em níveis hierarquicamente colocados, sendo, ainda, um instrumento de comunicação. (NORMAND, 2009).

A Bakhtin cabe inaugurar uma discussão bastante polêmica que mudará o rumo dos estudos linguísticos: a relação do eu com o outro, ou seja, a concepção dialógica da linguagem. Essa concepção dialógica não equivale à condição de diálogo, mas ao que se chama duplo dialogismo, já que, segundo o autor, o outro que perpassa a língua é o outro enquanto discurso e enquanto receptor. Nesse âmbito, a enunciação passa a ter caráter essencialmente social, já que “[...] a enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes.” (BAKHTIN, 1995, p. 127). Bakhtin fala da língua na sua relação com as lutas sociais e, portanto, com a ideologia, considerando que todo signo é ideológico. Desse modo, a noção de língua sai da evidência do sentido e passa a ser perpassada pela noção de ideologia, o que será retomado pela AD.

A grande problemática atualizada por esses autores e sobre a qual a AD se debruça é a subjetividade. O tipo de relação com a linguagem (intencional ou não) provoca a grande cisão dos estudos enunciativos ou pragmáticos. Quando Benveniste inaugura a questão da subjetividade como constitutiva da língua, e dá ao sujeito um estatuto de poder, até então relegado, instaura um campo de profundas divergências dentro dos estudos linguísticos: todos concordam que o sujeito precisa ser considerado, mas a relação que se estabelece entre ele e a língua é que vai determinar o surgimento de algumas áreas/teorias, tais como a AD.

## Língua e sujeito na AD

A Análise do Discurso de linha francesa

surge na década de 60, a partir da relação entre áreas como a Linguística, Psicanálise e Marxismo. Propõe uma investida na linguagem além da dicotomia saussureana (língua X fala), baseada no discurso, ou seja, a língua em seu percurso, uso efetivo (ORLANDI, 2002), considerando as condições de produção, a ideologia, a posição do sujeito falante, enfim, todo o processo discursivo.

Nesse sentido, a língua é vista como produto histórico-social e o sujeito falante como assujeitado, porta-voz de instituições, ou do seu tempo. A noção de sujeito é tributária da noção de assujeitamento ideológico proposta por Louis Althusser, em *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1992) a que se acrescentará, posteriormente, a noção de interpelação também pela instância do inconsciente.

Esse caráter permanecerá até a chamada terceira fase da AD, quando a influência da Psicanálise se acentuará. Há muitos conceitos pertinentes dentro da conjuntura teórica da AD, entretanto ater-nos-emos ao que diz respeito a uma teoria do sujeito, ponto de ancoragem e determinante de todos os outros aspectos, tais como a noção de língua.

Faremos agora um breve histórico das três fases da AD, já que a área foi (e ainda está) se constituindo, revisando conceitos, retificando suas bases. É o que se pode verificar na revisão feita pelo próprio Pêcheux no seu artigo *Análise do Discurso: três épocas* (1983, *apud* GADET, HAK 1993), da qual partiremos nesse retrospecto.

### **AD: 1ª fase: maquinaria discursiva-sujeito assujeitado**

A chamada primeira fase da AD nasce, por assim dizer, com a publicação de *Análise Automática do Discurso* (1969)- AAD-69 - o projeto instituído nessa fase é bastante audacioso: “[...] fornecer às ciências sociais um instrumento *científico* de que

elas tinham necessidade, um instrumento que seria a contrapartida de uma abertura teórica em seu campo” (Henry, *apud* GADET; TAK, 1993, p. 15, grifos no original). Para isso, a AAD-69 postulava um dispositivo, com base na informática, que pudesse determinar as generalidades dos discursos, como se fosse uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade (MALDIDIER, 2003, p. 21). Dessa forma, os discursos eram tomados como estruturas que podiam ser armazenadas em formações discursivas (FD’s), as quais designariam um conjunto homogêneo de discursos que se organizariam segundo as formações ideológicas (FI’s).

Pêcheux apresenta, nessa primeira fase, um sujeito totalmente assujeitado, ou seja, interpelado pela instância linguística e pela ideologia, o que faz com que esse sujeito (falante) se constitua com base nessa interpelação, sendo mero repetidor de estruturas linguísticas já determinadas pela maquinaria discursiva.

### **2ª fase: FD, interdiscurso - forma-sujeito**

A noção de maquinaria discursiva vai se fragilizando quando se toma o conceito de FD de Michel Foucault, a partir da ideia de dispersão (FOUCAULT, 2004). Nesse momento, Pêcheux começa a perceber que as FD’s não são homogêneas, mas relacionam-se e ainda se constituem por aquilo que não é dito, o silenciado. A “ideia do não-dito constitutivo do discurso.” (MALDIDIER, 2003, p. 25) conduz a uma outra construção no conceito de FD.

A partir do conceito de dispersão, segundo o qual os discursos são uma dispersão de outros discursos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, a AD concebe o discurso como formado e perpassado por vários outros discursos que o antecedem ou que acontecem simultaneamente. Disso decorre o

termo interdiscurso, que é aquilo que fala antes e memória discursiva que seria “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.” (ORLANDI, 2002, p. 31).

Sendo o discurso uma dispersão de outros discursos, segundo ensinou Foucault, o sujeito é, portanto, uma posição vazia a ser preenchida conforme as posições que ocupamos em determinados momentos de fala. A partir disso, Pêcheux passa a construir seu conceito de forma-sujeito, outro empréstimo de Althusser, que é explicitado em *Semântica e Discurso* (1975).

Pêcheux recorre a outros campos fora da linguística, a saber, a releitura de Marx por Althusser e de Freud por Lacan, para dar conta de uma teoria não subjetiva do sujeito. Assim sendo, a forma-sujeito, é justamente a interpelação dos indivíduos em sujeitos falantes que se faz via ideologia e inconsciente, um passo já dado para se chegar ao conceito de heterogeneidade.

Desse modo, ao criticar a homogeneidade do sujeito, o autor também coloca em xeque a linearidade e transparência do sentido, deixando espaço para o deslize e é a partir daí que o sentido passará a ser visto, tal como o sujeito, sob o signo da heterogeneidade.

### **3ª fase: Heterogeneidade do sujeito e do sentido**

A chamada terceira fase da AD é o fruto do amadurecimento dos conceitos enunciados por Pêcheux, o que se acentua pelo encontro teórico com a linguista J. Authier-Revuz, que propõe a teoria da heterogeneidade enunciativa, a partir de estudos sobre o discurso relatado.

O que a autora apresenta como heterogeneidades enunciativas compreende a heterogeneidade constitutiva, aquela pela qual o

eu pensa falar- ilusão narcísica- que se constitui basicamente pela interferência do interdiscurso e do inconsciente; e a heterogeneidade mostrada, que é a presença do outro no texto, marcada explicitamente, através de aspas, discurso direto e indireto livre, glosa, citações, etc.

J. Authier (1990) apresenta sua tese das heterogeneidades enunciativas a partir da junção dos trabalhos de Bakhtin e das contribuições da Psicanálise, via releitura lacaniana. Da primeira teoria, Authier considera o princípio dialógico constitutivo da linguagem e a afirmação de que todo dizer é atravessado por outras vozes - polifonia - o que significa que nenhum dizer é original e, mais que isso, toda palavra é carregada ideologicamente. Da segunda corrente teórica, há a compreensão do atravessamento pelo inconsciente.

Das concepções de Bakhtin e Lacan a autora retira, portanto, elementos para formular a sua teoria da heterogeneidade enunciativa. Apesar de pontos de vista bastante divergentes, ambas as correntes trazem uma visão de não homogeneidade e de heterogeneidade constitutiva. (BRAIT, 2001, p. 9).

Partindo desses pressupostos inaugurados pela autora mencionada, passemos a discutir especificamente o papel da Psicanálise na (re) formulação dos conceitos de língua e sujeito na Análise do Discurso.

### **E o que a Psicanálise tem a ver com isso?**

Voltamos aqui ao ponto em que a AD toca a Psicanálise, e partimos da afirmação de Milner de que “[...] tudo não pode ser dito.” (1987), quando ele traz à tona o fato de que o impossível se inscreve na própria língua. Tal fato pode ser verificado a partir da noção de heterogeneidade constitutiva. É ela que dá novo estatuto ao sujeito

discursivo, inaugura a presença determinante do outro no mesmo e apresenta essa como condição fundamental, ou melhor, constitutiva para a existência da própria língua.

A Psicanálise contribuiu muito para essa designação de sujeito, segundo a qual, não falamos sempre o que queremos, como e da maneira que queremos, mas estamos sujeitos a inúmeros fatores e um deles é a manifestação do inconsciente.

Entendendo o sujeito como um efeito de linguagem, a Psicanálise busca as formas de constituição desse sujeito não no interior de uma fala homogênea, mas na diversidade de uma fala heterogênea, que é consequência de um sujeito dividido. (BRANDÃO, 2004, p. 43).

O sujeito da Psicanálise é um sujeito desejante, interpelado pelo inconsciente e, portanto, um sujeito cindido, descentrado, através do qual fala o outro, sujeito do inconsciente. O outro pode ser considerado a dimensão de alteridade que pré-existe a todo sujeito. Lacan distingue no seu Seminário II uma dupla dimensão de alteridade: o outro e o Outro: “[...] há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois-um outro com *A* maiúsculo e um outro com *a* minúsculo, que é o eu. O Outro é dele que se trata na função da fala. (LACAN, 1985, p. 297).

Todas essas considerações da Psicanálise promovem deslocamentos na teoria da AD, sobretudo no que se refere ao conceito de sujeito da linguagem e da própria língua, que congrega em si a *lalíngua*. Desse modo, a instância do outro estaria presente na língua e no sujeito. Tais reflexões aparecem no texto de Pêcheux *Só há causa daquilo que falha*. (In: MALDIDIER, 2003).

Pêcheux foi a vida toda um teórico inquieto, a reformular sem receio sua própria teoria. Com *Semântica e Discurso* ele resolve o problema da máquina discursiva que homogeneizava os discursos e absorvia completamente o sujeito. Entretanto, a forma-sujeito e a ilusão do sujeito acabam dando uma dimensão tão perfeitamente

estável da interpelação do sujeito, que não recobre uma questão que sempre pesou nos estudos de Michel Pêcheux: as ideologias dominadas. “Tomar muito a sério a ilusão de um eu-sujeito-pleno onde nada falha, eis precisamente algo que falha no *Semântica e Discurso*.” (MALDIDIER, 2003, p. 65/66), afirma Pêcheux em sua autocrítica.

O grande problema, agora reconhecido pelo autor, é que, ao acreditar ter cercado o sujeito, ele acaba reproduzindo o sujeito pleno, contornando o fato de que “[...] o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra como se enganchar, nunca está inteiramente recoberto nem obturado pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto.” (PÊCHEUX, *apud* MALDIDIER, 2003, p. 69). O inconsciente ou outro (da teoria lacaniana) nunca deixa de estar lá, sendo recoberto pelo imaginário, já que é a instância fundadora e constitutiva do sujeito, o qual se configura como desejoso, faltante.

Todas essas inquietações são colocadas em pauta no colóquio “Materialidades Discursivas”, de junho de 1979, quando M. Pêcheux entra efetivamente em contato com J. Authier. Esse contato seria decisivo e colocaria de uma vez por todas o discurso, e, por conseguinte, o sujeito, sob o signo da heterogeneidade. Como afirma Pêcheux (*apud* Maldidier, 2003, p. 74): “[...] o primado do outro sobre o mesmo se impôs”.

Pêcheux, ao comentar sobre os novos caminhos da AD em sua terceira fase, trata da consideração do discurso-outro, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo, pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “[...] insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ sequência” (In: GADET; HAK, 1993, p. 316-317). O que ele chama de um além interdiscursivo,

podemos entender como o outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo em que o desestabiliza “[...] nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa.” (PÊCHEUX, *apud* GADET; HAK, 1993, p. 317).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como constituído pelo interdiscurso e também pelo inconsciente.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito des centrado, dividido, clivado, barrado.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como constituído pelo interdiscurso e também pelo inconsciente. Ao chegar à especificidade de um sujeito heterogêneo que se constitui como tal à medida que fala e falha, Pêcheux ocupa um lugar original dentro dos estudos linguísticos, tendo em vista que não se opõe simplesmente a um sujeito intencional, egoico, mas o situa através do assujeitamento como sujeito ideológico e afetado pelo inconsciente, e o faz relacionando esse sujeito à materialidade específica da língua. Esse fator merece relevo, já que o mentor da AD consegue, enfim, aliar as teorias enunciadas como base de constituição epistemológica da área, sem deslocar-se dos estudos linguísticos, onde sempre procurou se situar.

### Considerações finais:

Toda revisão teórica tal como nos propusemos a fazer, não pode deixar de ser

fragmentária. Deixamos, obviamente, muitas lacunas, já que todo dizer é mesmo incompleto.

Procuramos, através do percurso empreendido, dar uma dimensão de como os estudos linguísticos foram se reformulando (e ainda continuam) a fim de dar conta (sintoma?) de um objeto tão complexo quanto a língua(gem). Saussure acreditava que, para estudá-la cientificamente, era necessário isolá-la, tomá-la como sistema, desvinculada de toda exterioridade; Chomsky reduziu a língua ao componente sintático e ambos desconsideraram o papel do sujeito; os estudos enunciativos trazem de volta o sujeito (sobretudo com Benveniste), entendendo-o como condição primeira de existência da própria língua; a posição do sujeito vai se alterando, ganhando contornos divergentes com as teorias polifônicas; e, por fim, como vimos a AD postula um sujeito descentrado, interpelado pela língua, pela ideologia e, ainda, barrado pelo inconsciente, sujeito heterogêneo, efeito-sujeito, nas palavras de Pêcheux.

Conforme afirmação de Brandão, a passagem de uma concepção cartesiana da língua e do sujeito homogêneo para a heterogeneidade do sujeito e a opacidade da língua constitui-se como fenômeno interdisciplinar, tendo em vista uma conjuntura sócio-histórico-ideológica:

Como os sistemas de ideias de uma mesma época geralmente se mostram solidários entre si, pode-se dizer que esse deslocamento não se deu apenas nos estudos da língua; o que nos parece é que ele acompanha uma tendência geral das manifestações culturais que marcam a passagem do modernismo para o pós-modernismo em que as mesmas preocupações com o sujeito e com a linguagem, por ex., se dão. Ao sujeito humanista unitário, universal e atemporal da epistemologia racionalista opõe-se um sujeito problematizado pela história, pela ideologia e pela psicanálise, revelando sua constituição clivada, descentrada e contraditória. (*apud* BRAIT, 2001, p. 61-62).

Dessa forma, é importante vermos os estudos linguísticos como pertencentes a

um quadro epistemológico maior que vive se reformulando, alterando, e melhorando talvez. Assim, podemos conjecturar que pensar o sujeito hoje é pensá-lo dentro de uma conjuntura pós-moderna, com todas as implicações que essa condição possa acarretar de incompletude, contradição e, principalmente, heterogeneidade.

Tudo o que apresentamos até aqui reflete visões e conceitos cunhados no período histórico compreendido pela Modernidade, mas é preciso considerar que os sentidos continuam deslizando. Desse modo, este trabalho aponta para os próximos deslizamentos conceituais quando pensamos no período contemporâneo, designado por alguns como pós-moderno. Acreditamos que a dificuldade de designação é justamente o lugar onde se inscreve a falta constitutiva do sujeito e da língua que se coloca na atualidade.

Assim, a consideração de uma língua que nos falta imprime ao sujeito da linguagem também um lugar de incompletude e é desse modo e não de outro que procuramos ver os produtos desse sujeito na língua(gem), sobretudo nesse período que ainda se quer nomear, e talvez não se nomeie justamente porque a língua nos falta!

## Referências:

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Trad. Celene M. Cruz, João Wanderley Geradi. Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 7. ed. São

Paulo: Hucitec, 1995.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. 2 v. Campinas: Pontes, 1989, 1991.

BRAIT, B. (org). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes: Fapesp, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GADET, F.; TAK, T. (org) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1993.

LACAN, J. **O Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Trad. Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FERREIRA, M.C. Leando Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. In: **Linguagem & Ensino**, v. 2, n. 1, 1999 (123-137). Disponível em: < [http://rle.ucpel.tche.br /php/ edicoes /v2n1/kitty.PDF](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v2n1/kitty.PDF)> Acesso em: 20 ago.2010.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni. P.Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MILNER, J. C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NORMAND, C. **Convite à linguística**. Trad. Cristina de Campos Velho *et al.* Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (Orgs). São Paulo: Contexto, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PAVEAU, M; SARFATI, G. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à

pragmática. Trad. Maria do Rosário Gregolin *et al.*  
São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma  
crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni P.  
Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M; GADET, F. **A língua  
inatingível**: o discurso na história da linguística.  
Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves  
de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

**Artigo enviado em:** 24/04/2012

**Aceito em:** 20/05/2012